

Di de Glauber

É um prazer muito grande ter de novo entre nós quem de certo foi e tem sido uma das grandes influências culturais e políticas de minha geração. A ele e a outros mais: Celso Furtado e Darcy Ribeiro e Ferreira Gullar, grandes brasileiros, devemos o descortínio de um visão de mundo que é o conhecimento da realidade, o seu processo, cada um a seu modo e por suas formas de pesquisa e de expressão. E na tela, e nas folhas, a palavra bate e rola, não cria musgo.

Mesmo ausentes, mantivemo-nos presentes em seus livros, artigos e notícias. Celso Furtado desde o seu artigo inaugural na Revista Civilização Brasileira - Obstáculos externos ao desenvolvimento brasileiro - verdadeiro ponto de virada no conhecimento brasileiro - e desde então muitos mais. Darcy Ribeiro, a sua série de síntese antropológica: Estudos de Antropologia da Civilização - ou, surpresa recente de Mafra, Ferreira Gullar, desde continuando sua discussão sobre a cultura popular ao "Poema Sujo" ou à introdução de Augusto dos Anjos.

De Glauber vimos recentemente sua elegia a Di Cavalcanti, primeiro filme seu no país desde "O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro" exibido em 1969. Dos filmes feitos fora e que continuam seu périplo brasileiro só tivemos notícias, nada vimos. Mas esperamos ver e um dia certamente ficaremos surpresos com a importância do pensamento e da cultura produzidos pelos nossos lá fora.

Também nas livrarias, a Editora Paz e Terra publica uma coletânea de artigos - "Glauber Rocha" - que analisam seus filmes e sua intervenção permanente na cultura brasileira, mapeado seu caminho no excelente artigo de abertura por Raquel Gerber, o seu e o de sua geração, que outros méritos não tivessem, vêm empurrando a consciência na forma e a forma na consciência, legado que apanharam como puderam no que se pode enxergar a nossa volta. Legados geracionais.

Sua memória de Di Cavalcanti e suas metáforas de gestos levam a ousadia de um iniciante - nas formas não cabem os corpos dos homens. Os homens não se pertencem. Pertencem à espécie e a sua função de integração no Universo. Essa é a nossa lida.

Mas o filme espantou-me por seu processo formal absorvendo inclusive como pensei ver também no "Amuleto de Ogum", de Nelson Pereira dos Santos, a experiência do cinema marginal em Rogério Sganzerla, Neville d'Almeida, Julio Bressane, Andrea Tonacci e tantos mais: a superação do "cinema posado". Contra a caligrafia no cinema, uma experiência que aproveita a tendência a uma escrita automática. Trocando o cinema falado pelo deixa falar. Algo como um manuscrito já tínhamos visto em "O Lobisomem", de Elyseu Visconti. Legados geracionais. Enquanto seu leão não volta (Sergio Santeiro)

TRATE-ME LEÃO

Dá gosto ver um espetáculo como o que o "Asdrubal trouxe o Trombone" vem apresentando no Teatro Dulcina. Partiram de experiências suas de juventude. Suas, minha, nossas, as dos leitores e as do público. Viver-se em cenas antes de viver os outros. Representar-se a si mesmo. Experiência do limite da representação. Onde começa e onde acaba a pessoa e o personagem. O que é ator? Dizemos do outro com mais facilidade do que de nós mesmos. Claro, despojar-se e à cena, como que desdramatizar o teatro, invadí-lo com o cotidiano que reconhecemos na pele e nos nossos modos de ser, andar e parar, causou espécie à ala mais senil e conservadora da crítica que entupiu-se a boca de farofa e sufoca. Mas justamente porque esta operação de desnudar-se o pouco que vivemos sem a transcendência da metafísica caveira da dinamarca provoca em quem assiste o mesmo processo de refletir-se e ao que se vive e aí quem não se reconhece em cena não se reconhece na vida pois não é que vivamos exatamente as peripécias dos que estão em cena mas vivemos o processo que o depoimento dos atores de si mesmos permite reconstruir. O traço que talvez desponta como marca dos novos tempos que vivemos é o memorialismo precoce. O massacre geracional de 68 que Deus queira não se repita dez anos depois botou a quem emerge distante do passado social. Não confie em ninguém com mais de trinta anos porque a sociedade burguesa de nossos pais entregou os próprios filhos às feras. Aos sobreviventes resta construir a história a partir de sua experiência, refazendo a vida que já viveram para expor-se e chécar a mentira que se insinua no que aprendemos. A vida da rua, a vida da escola; Pai, mãe. Irmão, irmã. Avô, avó. Essas coisas. O processo de viver originalmente, só se vive uma vez, não se aprende a viver, quando visto em cena permite refazer o percurso de encontro com o mundo e de como vamos indo entre o que vive. A convivência entre nossas disputas e conflitos gera o caber-se com o outro no mesmo espaço. Experimentando-o vamos compondo o lugar em que cabe-

mos juntos. No palco, na cama. Sendo uma representação de teatro o lugar em que estas pessoas que estão lá reuniram os seus depoimentos de primeira pessoa é evidentemente a cena. Mas não se iludam: a cena não é menos vida. A cena é trabalho.

É assim que os depoentes passaram da juventude - pelo trabalho em cena. A convivência gerou a elaboração da juventude entregue às feras ao se transportar para o palco mostrando-nos os passos da passagem. Os comediantes revivendo seu trabalho em comum, a criação da própria peça deixam transparente o não fazer-se drama da nossa encenação da vida. E percorrem o fio que no teatro brasileiro aproxima a vida da representação: a experiência radical e fundadora do Teatro Oficina - Gracias Señor - a corda é bamba mas mais bamba é a mão que nela se agarra - mais bambas são as nossas mãos que nela se agarram e soltam. A convivência mais uma vez declarada, cai um, o outro cai, caímos sucessivamente a cada queda. A reflexão de "Pano de Boca". E estamos aí com o teatro e a vida fundidos na mesma cena nua como a rua. As marcações livres no espaço aberto determinam apenas no momento em que existem o que o espaço é. Representa-se tudo. Sabem de algo mais honesto? Trate-me leão. Leão. (Sergio Santeiro)

O Cineave - cineclube da Escola de Artes Visuais - acompanhando a Mostra de Cinema Brasileiro promovida pela Embrafilme oferece a sua programação para o período; sempre às 20h30min.

Terça - 24 de maio - Fala Brasília, de Nelson Pereira dos Santos e Bandeirantes, de Humberto Mauro.

Quinta - 26 de maio - Angêlo Agostini, de Luís Carlos Lacerda de Freitas e Pirenópolis, o Divino e as Máscaras, de Lionel Lucini.

Terça - 31 de maio - Rodar Cativo, de Miguel Borges e Lima Barreto: Trajetória, de Júlio Bressane e Ilha Bamal, de Genil de Vasconcelos.